

PALOMITA BLANCA / 1973

um filme de Raúl Ruiz

Realização: Raúl Ruiz / **Argumento:** Raúl Ruiz, segundo a novela de Enrique Lafourcade / **Fotografia:** Silvio Calozzi / **Montagem:** Carlos Piaggio / **Som:** José de la Veja / **Intérpretes:** Beatriz Lapido, Rodrigo Ureta, Bélgica Castro, Luis Alarcón, Monica Etcheverria, Fritz Estein, Marcial Edward.

Produção: Raúl Ruiz / **Cópia:** Ficheiro digital, colorida, com legendagem eletrónica em português, 126 minutos / **Inédito comercialmente em Portugal** / **Primeira exibição na Cinemateca Portuguesa:** 25 de fevereiro de 1991 (Ciclo "Festival de Roterdão: Vinte Anos Depois")

Aviso: A qualidade do som da cópia digital que iremos exibir é de muito fraca qualidade. Tal deve-se ao facto dos "masters" originais se terem perdido e o único elemento que foi edescoberto (17 anos depois) foi uma cópia 16mm já bastante degradada. O restauro daí resultante foi o melhor possível, à época (finais dos anos 90).

Palomita Blanca é um filme de percurso singular. Realizado em 1973 nunca viu a luz do dia de acordo e na forma prevista por Raúl Ruiz. O golpe de Estado de Pinochet obrigando ao exílio do cineasta, profundamente empenhado na política cultural e cinematográfica do regime de Allende, deixou o filme na fase final (com o negativo já montado e misturado) nas latas. Depois do golpe o negativo foi remontado por pessoa alheia.

Foi preciso esperar pela saída de Pinochet e a tímida abertura democrática, para que Raúl Ruiz tivesse de novo acesso ao original, podendo finalmente apresentá-lo como o concebera, no festival de Roterdão. O filme assemelha-se, portanto, a um dos muitos "desaparecidos", milagrosamente ressuscitado e apresentando no seu "corpo" os sinais da repressão. A cópia não apresenta genérico, exibindo praticamente o material em estado "virgem".

Palomita Blanca é um filme de duas faces. Ou melhor, reflexo de um outro filme, **Palomilla Brava**. Digamos que ambos se completam, e a ideia de Raúl Ruiz seria a de exibi-los em conjunto. Hipótese, por hoje, sem viabilidade de se concretizar porque este faz parte também das vítimas do regime de Pinochet, sendo, por enquanto, considerado perdido.

Ambos datam de 1973. **Palomilla Brava** deveria ser, em princípio, a adaptação da novela **Palomita Blanca** de Enrique La Fourcade, numa produção oficial da Chile Film. O livro é um desses romances populares que entre nós preencheram as colecções "rosa" e Corin Tellado (onde também a mulher de Raúl Ruiz, Valeria Sarmiento, foi buscar o argumento para o filme que fez entre nós, **Notre Mariage**), contando a história de um rapaz pobre

("palomilla" significa "rapaz das ruas") que se apaixona por uma jovem de boas famílias. Na altura da realização do filme a companhia produtora resolveu fazer um concurso para encontrar a rapariga, concurso que acabou por tomar proporções inesperadas, tornando-se um acontecimento social. Tudo foi filmado por Raúl Ruiz, a espera dos testes, as manifestações, como em certa medida Luchino Visconti fizera com **Bellissima** (que era também sobre um concurso para escolher a jovem protagonista do filme de Alessandro Blasetti, **Prima Comunione**).

Diante do fenómeno Raúl Ruiz muda de ideias. Tudo o que decorria, a corrida à glória de milhares de candidatas, torna-se o tema do próprio filme, pois representa em termos palpáveis e reais o que forma o espírito daquele tipo de literatura. Utilizando essencialmente longos planos-sequências, este longo documentário desapareceria, na forma como fora concebido, o que irá também acontecer à adaptação do romance que Raúl Ruiz enceta a seguir.

Palomita Blanca, tal como a vemos, preenche uma lacuna no conhecimento da obra do autor de **Les Trois Couronnes du Matelot** e revela que independentemente da situação social ou do país onde filma, a sua obra segue uma feição eminentemente popular. O que o exílio lhe trouxe foi uma maior pesquisa formal. Os temas, seja em **Palomita Blanca** seja em **L'Île des Pirates** andam sempre à volta com as fantasias e os desejos das classes populares. Abordando-os de frente como Valeria Sarmiento no seu filme citado) torna-se mais evidente a alienação que produtos como este provocam. Mas neste caso, Raúl Ruiz está ainda agarrado aos cânones do realismo. A invenção e o delírio surrealista só aparecerão a partir de **L'Hypothèse du Tableau Volé**, já em pleno exílio.

Contudo, uma certa *imagerie* típica do realizador marca já presença, tanto de fétiches (as imagens pias que ornamentam o interior da casa da jovem) como no campo da técnica: os planos, na parte final do filme, que utilizam de uma forma pouco convencional a grande angular e a profundida de campo, influências de Orson Welles que nunca o abandonarão.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico